

TRIBUNA Livre

3
SETEMBRO
1960

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

PROPRIEDADE: IRMAOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO, E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR—TELEF. 62113 — AMARES

SÁ DE MIRANDA Naquele tempo

Tema de uma conferência proferida na Academia Portuguesa de Ex-Libris, na comemoração do quarto centenário da morte do Poeta

Tem-se insistido em semear de interrogações e dúvidas certos passos da sua vida e por vezes da sua obra, ao procurar descobrir numa porventura as razões de quaisquer movimentos da outra.

Se em meio das suas tarefas literárias ou preocupações domésticas e agrícolas, que não se prejudicaram umas às outras, como alguns críticos querem fazer crer, antes favoreceram a natureza da sua obra poética imortal, Sá de Miranda tivesse presentido que, do dia em que nasceu àquele em que morreu, as voltas que deu os caminhos que seguiu viriam a ser motivo de tanta devassa, de tão aturdas lucubrações, a interessar assim os domínios da Literatura, decerto tê-las-ia poupado à custa de mais completos esclarecimentos de sua pessoa.

Não residiu nele o espírito da celebridade presente nem futura. é exactamente uma das mais notáveis características da sua vida e da sua obra onde se colhe a melhor prova de abdição de si mesmo, a lição do recolhimento do grande mundo do seu tempo, de tal modo que o levou a guiar firmemente os seus destinos e da família, que havia de constituir, até esse eremitério longínquo da Tapada, Entre-Homem e Cávado.

Mas os protestos e sentimentos de admiração e respeito, que de maneira tão espontânea se levantaram da opinião comum e de modo mais evidente da parte dos seus melhores continuadores e discípulos, logo mostraram que a figura do insigne mestre do Renascimento literário em Portugal adquiria extraordinária grandeza.

CONVOCAÇÃO

De harmonia com o disposto no art. 29.º do Código Administrativo, convoco o Conselho Municipal para a sua segunda sessão ordinária, do corrente ano que terá lugar no dia 6 de Setembro próximo, pelas 15 horas e trinta minutos, no Salão Nobre do Edifício dos Paços do Concelho.

Amares, 31 de Agosto de 1960.

O Presidente da Câmara
Dr. Eduardo Gonçalves

mas ainda por se acharem já inclusas no Cancioneiro Geral, coligido e impresso em 1516, treze composições do futuro poeta da Tapada.

A data de 1485 é apresenta-

dades e exactidões, certamente porque mais se facilitou, é que aí se tem ido deparar com os primeiros embaraços para uma mais rigorosa, e completa reconstituição da vida e obra de



da Tapada e o submeteu antecipadamente a prova de autenticidade pelo Juízo ordinário na cidade de Braga, a 1 de Janeiro desse mesmo ano, ao tempo do arcebispo D. Frei Agostinho de Jesus ou de Castro, bispo do dito D. Jerónimo.

A segunda edição, em 1614, esta foi acompanhada de uma primeira biografia do poeta, considerada de autor anónimo, mas que, segundo informa o marquês de Montebelo a pag. 199 do seu *Memorial*, parece ter sido escrita por Gomes Machado de Azevedo, sobrinho de D. Briolanja, por ser filho natural de seu irmão Bernardim Machado. Mais diz que a escrevera a pedido de Gonçalo Coutinho.

Mas onde a proximidade e quase presença das pessoas e dos acontecimentos ou fontes de informação podiam ter contribuído para a organização de um fiel repositório de ver-

Começadas a imprimir já em 1559, a primeira edição das Poesias de Sá de Miranda fez-se em 1595 por determinação de D. Jerónimo de Castro, que possuía um autógrafo do poeta Sá de Miranda.

Filho do cônego Gonçalo Mendes de Sá, da sé de Coimbra, e de D. Inês de Melo, mulher solteira e nobre, quatro datas de nascimento lhe são até hoje apontadas por sucessivos biógrafos, cada qual o mais severo em suas considerações:

Abonada por «pessoas fidedignas que o conheceram e trataram» dá aquele primeiro autor «anónimo» a informação de que nasceu no mesmo dia em que el-Rei D. Manuel tomou posse do governo—27 de Outubro de 1493. Esta logo foi contrariada não só pela descoberta do respectivo auto de perificação e legitimação em 1490,

(Continua na 4.ª página)

havia só os Portugueses

A visita a Portugal dos jovens soberanos da Tailândia foi preluída na Imprensa por uma divulgação em larga escala da biografia dos monarcas e da história do seu País. O grande público ficou assim sabendo—se ainda o ignorava—que a Tailândia é o mesmo Sião que serviu de cenário a uma das mais famosas criações cinematográficas de Yull Brynner, país tipicamente oriental, coberto por flores-

tas de teca ou por verdejantes arrozais, onde habita um povo plácido e operoso que venera o elefante como animal sagrado e que em ritmo lento mas crescente se vai ocidentalizando, mais preocupado com o seu progresso próprio e a defesa dos seus interesses do que com a intriga internacional.

Ficou também o público sabendo aquilo que até agora andava guardado nas páginas das velhas crónicas ou era peritência, apenas, de meia dúzia de estudiosos e de frequentadores dos arquivos e das bibliotecas: que Portugal foi o primeiro país de cultura ocidental a estabelecer relações com o antigo Sião e actual Tailândia, relações que se iniciaram há mais de quatro séculos, logo após a conquista de Malaca por Afonso Albuquerque, se mantiveram activas durante mais de uma centúria e de que ainda hoje restam numerosos vestígios; a língua portuguesa já não é como o foi até o século passado, uma das línguas oficiais da Tailândia, mas são numerosos, entre os tailandeses, os Pereiras, os Silvas, os Nogueiras e outros apelidos de origem incontestavelmente lusitana; decerto que em Banguécoque há hoje muito mais interesse pela importação das últimas maravilhas da técnica norte-americana, desde as painelas de pressão às máquinas de barbear, do que pelos vinhos, ou as conservas de Portugal, mas nem por is-

(Continua na 5.ª página)

Electrificação

A nossa Câmara remeteu na semana corrente os projectos e pedidos de participação para a electrificação das freguesias até Bouro, à entidade competente.

O orçamento para a baixa tensão é de 837.459\$00, quantia a que o Município fará face com a comparticipação do Estado e com um empréstimo.

Anotese que esta baixa tensão e a alta que será feita pela Chenop ao abrigo do plano de fomento orçam por um milhão e 600 mil escudos, valor com que o concelho será enriquecido.

O projecto contém uma série de sub-ramais que permitem elevar a electricidade ao maior número de lugares a ponto dos povos beneficiados ficarem melhor servidos do que aqueles que já tinham electricidade.

Para que os projectos e respectivos pedidos entrassem dentro dos prazos exigidos houve que acarinhar este melhoramento de maneira especial.

A BANDA DE AMARES

e a sua brilhante actuação em Pegarinhos

Foi duma maneira honrosa a brilhante actuação da banda de Amares, nas festas que se realizaram em Pegarinhos—Alijó.

Foi de verdadeira apoteose o seu serviço na festa de Igreja, o qual foi apreciadíssimo pelo clero e assistência.

No arraial que se prolongou até às 7 horas da manhã a assistência dava-

largas ao seu entusiasmo não cessando de aclamar a Banda de Amares—Braga.

Desvanece-nos tal honra, pois que o nosso fim principal, não só é levar o bom nome de Amares a terras desconhecidas, como honrar também o grande bairrista e amigo da Banda que contribuiu para que a mesma actuasse nos grandes festejos ali realizados.

TRIBUNA das ARTES e das LETRAS

Sá de Miranda

A Egipciaca Santa Maria

(Continuação)



Estava a porta fechada
do templo santo e (felice)
e Maria alvoroçada
desejando que se abrisse
por ver a Cruz desejada.

Abriu-se a sua hora certa
e entraram com alegria
sòmente pera Maria
não estava a porta aberta
inda que aberta se via!

Considera aqui christão,
isto que tanto te importa
que todos ao templo vão
e só esta não tem porta
por cerrar seu coração.

Arremete a miseranda,
com a gente arremete,
tres vezes remete e anda,
mas que anda e remete
quem contra Deos se desmanda?

O Povo ao templo corre
por ver a divina arvore,
que ao mundo livra e socorre,
Maria está como torre
feita de bonze e de marmore!

Como a triste ficaria
vendo-se em tão triste ponto,
sem ver a Cruz santa e pia,
que de lágrimas sem conto
da alma derramaria!

Quem ouviu estes gemidos
do alto e eterno assento
pera todos tem ouvidos,
mas são gemidos perdidos
não tendo arrependimento.

Mete-se a triste molher
triste a prantear n'um canto,
mas por mais pranto fazer
maior devia de ser
a causa deste seu pranto.

No coração Deos lhe toca
lá do céu com sua mão,
que um toque d'esta feição
faz que manifeste a boca
que está aberto o coração.

Aberto desta molher
aquelle coração duro
acerta os olhos erguer,
e vê o retrato puro
de quem Jesus quis nascer.

E como à porta da Igreja
viu esta Virgem e Senhora,
chora, que a Cruz ver deseja;
e a Virgem vendo que chora
pede a seu Filho que a veja.

O filho amado que a viu
já tocada e convertida,
na peição consentiu,
e mais porque lh'o pedia
Mãe tão pura e tão querida.

A triste de amor acesa
de Deus, não como d'antes fôra,
lhe diz — Não é justo, princeza,
que tão suja peccadora
veja a Phenix da limpeza.

Nem que a minha fealdade
veja vossa fermosura,
nem que a Virgem tão pura
veja a torpe sujidade,
de tão suja criatura.

Nem é justo que se faça,
graça nenhuma a molher
que esteve em vossa desgraça,
quanto mais chegar a vêr
a quem hé chea de graça.

Mas por quem sois, permite,
que entre n'esta sancta casa,
por que o fogo que há em mi
hé já fogo que me abraza
por ver o Deus que offendi.

Deixae-me vêr a Cruz bella
onde padeceu Jesus,
tira-me a cruz de não vê-la,
e logo dae-me outra cruz
pera morrer por Deos n'ella.

Confesso que fui molher
de coração tão perverso,
que não mereço a Cruz vêr
por me atrever de offender
quem deffendeu o Universo.

Confesso que andei errada,
e que vêr-vos não mereço,
confesso que sou culpada,
e tudo isto confesso,
por vêr a Cruz confessada.

Acabada a confissão
e uma contricção tão rara,
alevanta-se do chão,
que ninguem se levantara
se Deos não lhe dera a mão.

E logo em se levantando
se levanta estremecida,
que quiz a dador da vida
que quem não tremeu peccando
que tremesse arrependida.

E fora já de tréspasso
e terrível acidente,
vae contente passo a passo,
como entra a outra gente
entra ella sem embaraço.

Abriu mais claros seus olhos,
e olhos do coração,
os quais olhos té então
olharam muitos abrolhos,
que abrolhos peccados são.

E como perdão já tinha
d'aquelle trato profano,
o madeiro soberano,
viu da saúde e mezinha
de todo o género humano.

Abaixa-se e põe a boca
n'uma pedra dura e fria,
e logo como se erguia,
a Cruz soberana invoca
sua ajuda, amparo e guia.

MÉDICOS LÊM NA RETINA

O primeiro congresso europeu de micro-circulação
— Novos resultados da sintomatologia moderna

Por Eduard Bauer

No primeiro congresso europeu de micro-circulação, realizado recentemente em Hamburgo, puseram-se em evidência os resultados de um ramo da investigação médica delimitado há cerca de seis anos.

Cerca de trezentos médicos de quase todos os países europeus reuniram-se em Hamburgo para discutir os métodos e os problemas relacionados com a ciência dos vasos sanguíneos de diâmetros menores. O Dr. Harald Harder, o jovem presidente do congresso, médico da Clínica Universitária de Hamburgo, declarou no seu resumo final sobre o relacionamento entre perturbações da circulação sanguínea e deficiências em veias cinquenta vezes mais finas do que um cabelo, que os novos conhecimentos do domínio da micro-circulação já são de molde a melhorar consideravelmente os métodos de tratamento de uma série de doenças.

No decorrer do congresso o

Dr. Harder apresentou a sua própria contribuição para a investigação da micro-circulação, uma câmara de televisão especial destinada exclusivamente ao exame da retina. O investigador hamburguês Dr. Fehse desenvolveu uma câmara de alta potência com a qual se examina a vista como espelho mais nítido das doenças. Enquanto até agora muitos curandeiros e já também alguns médicos se ocupavam do exame da iris, e interpretavam certos traços escuros como indícios de adocimento de certos órgãos, a câmara de televisão do Dr. Fehse permite projectar com exactidão absoluta todas as alterações dos vasos sanguíneos minúsculos da vista. Observando-se, por exemplo, uma alteração da circulação sanguínea na retina, conclui-se, por exemplo, que todo o sistema circulatório está perturbado.

Continua na 5.ª página)

Os sinos de um dos símbolos de Berlim

O neto do Imperador Guilherme II compoz a melodia dos sinos — Um elo entre Berlim de ontem e de hoje

Os berlinenses são conhecidos para além das fronteiras da sua pátria por causa das suas respostas imediatas e quase sempre humorísticas. A sua vivacidade contagiosa é uma expressão do seu dinamismo e da sua mobilidade. A energia acentuada, o trabalho intenso em todos os sectores escondem às vezes o «coração de ouro» dos habitantes da capital da Alemanha. Quando, porém, estão em jogo as tradições de Berlim, esse coração fica a nú e os berlinenses dão sempre novas demonstrações da sua fidelidade às tradições históricas. Ainda recentemente os berlinenses lutaram por uma ruína protegendo-a contra o arrasamento. A igreja edificada em memória do Imperador Guilherme I, no coração de Berlim, é hoje um dos símbolos de Berlim. Fortemente atingida pelas bombas, a igreja é uma ruína. As discussões em torno deste edificio em ruínas levaram finalmente à conservação da torre no seu estado actual.

Há algumas semanas ouviu-se pela primeira vez a melodia dos seus novos sinos, melodia esta composta pelo neto do Kaiser, o príncipe Luís Fernando de Hohenzollern. Catorze sinos tocam a cada hora a melodia integrada na

tradição de Berlim. Os berlinenses e os turistas olharão um pouco mais frequentemente para a ruína de 113m de altura. Dentro da torre guarda-se agora a grande coroa de louros do monumento aos mortos da Primeira Grande Guerra em «Unten den Linden», cujas ruínas estão no sector soviético. Antes de os russos penetrarem em Berlim um berlinense qualquer achou melhor desmontar a coroa de louros e escondê-la. Na célebre coroa de louros notam-se os efeitos da guerra, pois ficou levemente danificada com algumas das folhas douradas entortadas. Mais uma vez os berlinenses intervieram, quando se pretendeu «reformatar» a coroa, exigindo que ficasse tal como está.

Em complemento da ruína da torre está agora em construção uma nova igreja que deve ser inaugurada em 1961. Os vidrais dessa igreja estão sendo executados em Chartres, onde se mantem, em torno da célebre catedral, a tradição dessa arte medieval. A igreja no coração de Berlim, construída no fim do século XIX em memória do Imperador Guilherme I, com a melodia do seu bisneto o Príncipe Luís Fernando, será mais um elo entre Berlim de ontem e de hoje.

TRIBUNA do CONCELHO

Reunião Camarária

Deliberações da Câmara Municipal

Correspondência

Ofícios

Requerimentos de Obras

De Abel da Silva, de Ferreiros, pedindo licença para construir uma casa com um piso, no lugar de Além, da mesma freguesia.

De Manuel de Jesus Ferreira, de Goães, solicitando licença para construir uma casa com um piso, no lugar de Corredoura, da mesma freguesia.

De Alberto Martins, de Caldelas, solicitando licença para construir um muro, no lugar de Passos, da mesma freguesia.

De Carlos Augusto Martins, de Ferreiros, pedindo licença para reconstruir um barracão, no Largo D. Oliveira Salazar, desta Vila.

De Maria Lopes, de Lago, requerendo licença para construir uma casa com um piso, no lugar de Ponte, da freguesia de Lago.

De Ernesto da Silva, de Prozelo, pedindo licença para construir um andar no seu prédio, sito no lugar de Cabo, da mesma freguesia.

De Manuel da Lomba, de Cibões-Terras de Bouro, requerendo licença para construir uma casa com dois pavimentos bem como um muro, no lugar de Cerca, da freguesia de Bouro Santa Maria.

De Francisco Veloso Soares, de Ferreiros, solicitando licença para construir uma casa com dois pisos, na Rua Sá de Miranda, desta Vila.

Circulares

Do Governo Civil do Distrito de Braga, transcrevendo a circular N.º 45/60, P.º Z-1/9, L.º 25-A, 2.ª Repartição, da Direcção Geral de Administração Política e Civil do Ministério do Interior, informando que os motores de marca Bianchi e Villiers, com cilindrada inferior a 50cm3 podem ser incluídos na relação dos motores auxiliares para velocípedes.

Idem, idem, idem, n.º 44/60, P.º Z-1/77, M.º 25-A, 2.ª Repartição da Direcção Geral de Administração Política e Civil, transmitindo o seguinte parecer emitido pela 1.ª Repartição da Direcção Geral das Contribuições e Impostos sobre a liquidação do imposto do selo do Art.º 141 da tabela geral do imposto do selo nas escrituras de compra e venda e de promessa de compra e venda: que nas escrituras de compra e venda, se além da quitação dada na escritura, o proprietário passar recibo, há lugar ao pagamento do selo do Art.º 141 da respectiva tabela, que se nos contratos de promessa de compra e venda, houver entrega de sinal é sempre devido o imposto do selo de recibo, quer a quitação seja dada na escritura, quer em documento particular, porquanto ao recibo ou quitação dado nestes contratos não aproveita qualquer isenção do pagamento de selo.

Requerimentos de doentes

Foram presentes à Ex.ma Câmara os seguintes requerimentos pedindo guias para internamento e tratamento de doentes pobres em estabelecimentos hospitalares, deferidos pelo Senhor Presidente da Câmara, nos termos do Art.º 78 do C. Adm.: Maria da Glória Fernandes, de Bouro, Alzira Antunes, de Bouro Santa Marta, Manuel da Silva, de Bouro Santa Marta, Manuel José Pereira, de Prozelo, Francisca Ludovina Gonçalves, de Dornelas, Vicentina da Glória Machado, de Figueiredo, Alberto da Mota Campos, de Rendufe, Alberto António Rodrigues, de Caires, Maria Celeste Antunes de Campos, da Torre, Maria Avelina de Sousa Fernandes, de Ferreiros, Elvira de Jesus da Silva, de Bouro, Domingos Soares da Silva, de Ferreiros, José Pereira da Silva, de Prozelo, Ana Maria Pinheiro, de Dornelas.

Requerimentos de Electricidade

Foram presentes à Ex.ma Câmara os seguintes requerimentos pedindo a ligação de instalações eléctricas de prédios à rede pública desta Câmara, deferidos pelo Senhor Presidente da Câmara nos termos do Art. 78.º do Código Administrativo: Maria de Almeida, de Besteiros, José Fernandes Carvalho Júnior, de Caldelas.

Requerimentos Diversos

De Maria de Jesus da Cunha Gonçalves, de Fegueiredo, pedindo a adjudicação da moradia do Tipo A n.º 8 do Bairro desta Câmara. Foi deferido pelo Senhor Presidente da Câmara fixando a renda mensal de 70\$00.

Prozelo

Festa de Santa Filomena

Como nos anos transactos, realizam-se nesta freguesia as tradicionais Festas em honra de S.ta Filomena.

Durante a semana tem havido novena, a qual tem sido assistida por muitos fieis, que de coração alegre e fervoroso assistem ao que o ditame do espírito os chama.

No próximo sábado, dia 3, à noite haverá uma magestosa procissão de velas com vários andores e acompanhada por centenas de pessoas. Acabada esta, seguir-se-á um grande arraial minhoto, que terminará com 3 sessões de fogo de artifício por 3 bons pirotécnicos.

Domingo, dia 4, o Júbilo crescerá, quando dezenas de crianças de coração alegre e palpitante transbordando felicidade se aproximarem pela primeira vez do Banquete Divino para receber Jesus. Às 11 e 30, haverá missa solene cantada e cerca das 15 horas terá início o sermão, seguido de imponente procissão na qual se incorporarão muitos anjinhos, andores, bandeiras e inúmeras pessoas. Em seguida começará um grandioso bazar de prendas e à noite será apresentada uma sessão de fogo preso.

Estas grandiosas Festas serão transmitidas por potentes aparelhagens sonoras e abrihantadas por uma das mais afamadas bandas de música. Mais do que nunca, este ano as Festas serão mais grandiosas e solenes, tanto recreativas como espirituais, dado o grande interesse e animação que reina entre os rapazes que mais directamente colaboram nas Festas.

M. Tinoco e J. Rodrigues

Vida elegante

Aniversários

Fazem anos:

Amanhã — a menina Teresa de Jesus Dias da Silva.

Dia 5 — a menina Marília Barros de Azevedo e a Snra. D. Mariett Barros Azevedo.

Dia 7 — as Snras. D.as Maria Judite Gonçalves Macedo e Lucia Martins Dias; os snres. José Joaquim Leite e Alberto Dias Antunes.

Novo Assinante

Pelo sr. Armando Antunes, nosso novo assinante foi-nos indicado o sr. Adeline J. da Rocha Rodrigues.

Já fizemos a sua inscrição que agradecemos.

CARTA DE LAGO

Meu caro amigo António

Vou começar por falar-te da nossa última — «Reunião do Curso» — Realizou-se em Viana do Castelo e começou pelos cumprimentos, felicitações e abraços, numa confraternização verdadeiramente alegre e entusiásticas. A diferença entre padres e leigos notava-se apenas no vestuário; porque, de resto, pareciam todos irmãos. Encontravam-se presentes quase todos os discípulos conhecidos.

Dêstes faltaram o João de Deus para cuidar das laranjeiras; o Virgílio, na ânsia de tributar; o Diogo na exploração das águas; o Sebastião, a sonhar em Santa Filomena; o Meira preocupado com a moagem e o Gomes, talvez a fazer versos ao rio Lima, no intuito de suplantar o Feijó... E pode ser que lá chegue!

A Santa Missa, em São Domingos, pontificou, como sempre, o Arcipreste de Guimarães, agora proprietário de um Monsenhôrato, e ajudou o tão simpático Dr. Araújo Novo. O sermão pertenceu ao Rocha. Desta vez pregou de graças, mas não, no deserto!

Todos o ouviram com atenção profundamente religiosa. Como vês no acto religioso salientaram-se, se me não engano, os mais ilustres no clero e no laicado. Se me enganei prdoem-me os ofendidos, não é por mal... No hotel Aliança, frente ao Lima, foi o segundo acto. Não sei qual comeu ou bebeu mais. Apenas sei que, no fim, estavam todos mais satisfeitos... A série dos brindes começou pelo auitrião, o padre turis-

ta... como ouvi chamar-lhe, a rir. Sempre brincalhão, o Filipe lembrou algumas brincadeiras feitas no seminário e disse ter vindo das Bermudas a Portugal com o fim principal de celebrar os 20 anos de sacerdócio, em reunião de discípulos. Falaram ainda vários dos discípulos e dos convidados de honra. Convem salientar a proposta do Zé da Peneda para que os vinte e cinco anos do fim do Curso se festejassem no Santuário de N. Senhora da Peneda, ficando êle pelas despesas da paparoca. O Monsenhôr propôs também uma reunião de todos os discípulos no ano próximo em Guimarães e comprometeu-se a pagar a junta; Quere, porém, que todos, mas principalmente os leigos averiguem do paradeiro dos discípulos que se perderam, desde a sua abalada do Seminário, para serem convidados a assistir à próxima reunião em Guimarães. Realmente são muitos os desconhecidos. Há tempos encontrei, em Melgaço, o senhor Daciano Farinha Pinto. Este Chefe de Finanças foi nosso discípulo no Seminário. Egnoro porém se o foi desde o princípio ou veio por acréscimo. Ele também mostrou ignorância. Como tu eras da 1.ª turma e da Divisão dos pequenos talvez conheças isso melhor. Por hoje é tudo.

Dispõe do amigo de sempre
Lago, 29-3-1960. J. Moreira

HUMORISMO

Na Escola

Durante a aula de história, o professor pediu que cada aluno organizasse uma lista das onze figuras mais célebres da Pátria.

Os meninos começaram a escrever e, passado 10 minutos o professor perguntou a um deles.

— Já tens a tua lista completa?

— Não, senhor professor. Falta-me o avançado-centro.

PÊLOS

Destruição definitiva pelo processo mais moderno e rápido

RUA DE S. VICENTE 94 || BRAGA

SÁ DE MIRANDA

(Continuação da 1.ª página)

da e justificada por Teófilo Braga, que diz ter o biógrafo tomado 95 por 85.

Fidelino de Figueiredo indica, sem quaisquer explicações, a de 1490.

Delfim Guimarães conclui que o biógrafo de Sá de Miranda confundiu a subida ao trono de D. Manuel com a de D. João II. É esta geralmente a mais aceite 31 de Agosto de 1481.

Informa o dito seu primeiro biográfico que, depois das primeiras letras estudou leis em sua própria terra.

Aqui mais uma vez é tido em erro, pois que, quando D. João III sucedeu a D. Manuel, já o Dr. Francisco de Sá de Miranda estava formado e a Universidade só depois, em 1537 foi transferida para Coimbra.

Há, no entanto, certa concordância de autores em que teria frequentado em Coimbra as aulas do mosteiro de Santa Cruz e depois as Escolas Gerais, em Lisboa, até obter o grau de Doutor, chegando a reger nas ditas Escolas Gerais algumas cadeiras.

Parte daí a sua aceitação e presença nos salões do Paço da Ribeira, a par de velhos trovadores palacianos.

A morte do pai, a quem tinha feito a vontade de cursar leis, liberta-lhe então as asas da poesia. Entre 1521 a 1526, rompe na sua conhecida peregrinação pela Espanha e Itália, onde tinha parentes e amigos que lhe facultaram a convivência com as mais gradas personagens do mundo literário do tempo: Victoria Colona, Sanazaro, Rucellai, Tolomei, Ariosto, Bembo, Giovanni e outros que andariam na corte poética destas figuras principais. Regressou dessa demorada e proveitosa digressão carregado dos fartos materiais que a avidês da sua alma ansiosa de perfeição permitiu assimilar e reproduzir na grande Reforma das Letras Nacionais.

Colhida a imensa soma de novos conhecimentos, com que enriqueceu a sua cultura, precisava de ir amadurecê-los

por esses montes e vergéis do Minho, verdadeira fonte de nacionalismos.

Mesmo assim, voltou aos serões da corte, entusiasmo pela prática de novas formas líricas e dramáticas, a experimentar o seu efeito e sensação. Julga-se, esta seria a causa da manifesta má vontade de Gil Vicente expressa em certa referência aos *clérigos de Coimbra* e noutras alusões quase directas aos brios pessoais e familiares de Sá de Miranda:

Mais depressa começou a tomar-lhe a alma a indisposição. O culto da maledicência e da intriga estava na razão inversa do seu modo de ser, de agir e de pensar. Não lhe deveria ter sido difícil convencer-se de que só poderia realizar o seu plano longe desse ambiente. Sobre este e outros incidentes da vida palaciana, o seu ideal levava-o a caminhar por outras paragens libertas de estorvos, de armadilhas — pelos campos, pelos montes, pelos verdes prados...

Grandes cidades que vira, e outros não... o mundo tinha-o ele dentro de si mesmo. Um mundo de sabedoria e de filosofia moral, o que precisava era de despejá-lo sem atropelos e sem peias, como foi sempre a sua divisa, em relação a todos quantos se dirigiu em sua correspondência poética, desde o rei e os príncipes aos poetas e cortesãos, nunca teve lugar na sua obra o instinto da maledicência ou da insinuação caluniosa com que fora atingido. Sá de Miranda mostrou a todo o tempo que não era homem para gracejos nem truánices com coisas sérias. Criticou e censurou de cima a baixo na escala hierárquica a sociedade da época, por meio de palavras, expressões e ideias de sentido profundo, mas nunca promoveu escândalo ou ofensa.

É na obra e não no modo de ser do autor, que ela tão claramente representa, que os biógrafos de Miranda procuram descobrir as razões do seu abandono da Corte, do seu recolhimento no Minho. Abriu precedência a tantas

conjecturas e hipóteses, que se tem formulado, aquele dito seu primeiro biógrafo, ao dar como motivo dessa resolução do poeta uma passagem da *écloga Alexo: A la sombra daquele pino* que diz ter sido maldosamente explorada por seus inimigos, como sendo uma alusão a um poderoso valido de D. João III, e foi o conde de Castanheira, já então visado por outros satíricos que lhe atribuíam ascendência judaica numa avó chamada *Maria Pineira*, e porque desse prepotente vedor de fazenda teria sido vítima Bernardim Ribeiro, desventurado amigo de Sá de Miranda.

Certamente pelas razões do estabelecimento do *Tribunal da Inquisição*, levantaram-se por este tempo certas formas de suspeita e denúncia da existência de sangue judeu mesmo em algumas famílias que gosavam de seus pergaminhos de nobreza.

Teve-se como boa razão que *Faria e Sousa* anotou o *Nobiliário do Conde D. Pedro* para fazer desaparecer do primitivo Livro das Linhagens um certo *Ruy Capam* — tronco de muita fidalguia, a quem convinha que se acautelassem certas referências pouco lisonjeiras a respeito da pureza de sangue.

Os partidos dividiam-se. Pelo sobrenome de *Capão* queriam alguns dar a entender que o indivíduo tinha sido baptizado «de pé».

Montebelo Acode contra esta opinião, pretendendo provar por cópia de um epitáfio encontrado em S. Vicente de Fora, de Lisboa, que esse apelido era devido à sua naturalidade:

(Continua no próximo número)

TRIBUNA LIVRE
é distribuída em Braga
no Quiosque Central,
Largo do Barão de São
Martinho

Ninfa do Cávado

Morena de sonhos, de sonhos morenos,
Nuns olhos serenos tu'alma floriu.
Tal qual sonho etéreo de luz transcendente,
És sonho que cala no meu peito ardente
Tu'alma é nascente de um sonho que é meu.

Não julgues, morena, que o Cávado beija,
Que sinto inveja duns olhos sem par.
Apenas adoro com toda a fragrância
A imagem Querida duma terna Infância
Nuns olhos abertos de amor ao Luar.

Não sei o teu nome, quão lindo hás-de ser
Ó nome Bendito da Estrela Polar
Dest'alma que sofre, que sonha, que anseia
A luz dos teus olhos, qual titã candeia
Rasgando-me as trevas da noite sem par!

Porque é que meus olhos sedentos cruzando
C'os raios celestes dos teus com fervor,
Obrigam teus olhos, de luz bolicosos,
Dos meus «afastar» — se, gentis, amorosos,
Deixando nas faces um leve rubor?

O Cávado, louco, de amor e ternura,
Sòzinho, murmura correndo-te aos pés.
Também eu, correndo, suspiro p'la Fada,
Sòzinho, sem rumo, de noite Alvorada,
Perguntando «Aurora, ao Luar, quem És.

Não cores, morena, linda Flor do Bico;
Não cores, que eu fico ardendo em peixão.
Não cortes olhar, quando olhando fito
O perfil da Estrela de brilho Infinito!
Não ponhas, morena, os olhos no chão.

Se te amo... Não sonhas oh com que ventural
É dessa candura de Luar sem véu.
Vou sorvendo a furto o brilho celeste
Do Sol que te envolve, do Luar que te veste
C'o brilho inaudito dos Anjos do Céu.

Gota d'Orvalho.

Prado, Agosto de 1960

SER POETA

A indiferença é a paga deste mundo
Aquele que nascer com esta sina;
Mas que interessa ao místico profundo
Achar no mar de rosas a ruína?

Ele bem sabe que, da orbe em feito,
Pouco tem a esperar que o conforto:
Oito palmos lhe chegam para leito,
Sete palmos lhe sobram para a morte!

Tu és eterno, vate, sonda Deus,
Evolva-te na onda que sorri
Na solidão de asceta em sonhos teus...

E vós que até dos grandes mesquinhas,
sendo eu vivo, dizei que já morri,
Pois sei que só assim valerei mais.

Silva Príncipe

COLÉGIO DE S. JOSÉ

INTERNATO
SEMI-INTERNATO
EXTERNATO

— Para educação de rapazes —
VILA DO CONDE — Telefone 466
Direcção: Drs. Casal Pelayo

ENSINO PRIMÁRIO
ADMISSÃO AOS LICEUS
C. GERAL DOS LICEUS

TRIBUNA DE TERRAS DE BOURO

MONOGRAFIA DE TERRAS DE BOURO

(Por DOMINGOS M. DA SILVA)

N.º 72

(CONTINUAÇÃO)

Loure de Entre-Ambos-os Rios e os de Vilarinho das Furnas de S. João do Campo.

Consta que há menos de cem anos não havia por estas alturas quaisquer meios de comunicação, nem sequer o vulgar caminho para carros de bois. Os transportes eram feitos, como através dos sertões, às costas dos indivíduos.

Bastando-se a si mesmos, até pela necessidade de viver de seus próprios recursos em meio do seu isolamento, os homens vestiam-se do burel fabricado em teares caseiros e as mulheres cortavam das mesmas teias vara e meia de pano que cingiam na cintura, prendendo-o com um botão do mesmo tecido, ou de sola, no cimo da abertura e iam assim para toda a parte. Frugais em tudo, no vestir e na alimentação, o progresso já hoje enguliu as próprias serras.

Quem vai de Carvalheira a Brufe, vertentes opostas com o Homem correndo pelo fundo do abismo que as separa, e mostra o leito pedregoso e escarpado de volumosos rochedos lavados e polidos pela acção das torrentes caudalosas de inverno, tem de arrostar com a escalada da famosa encosta.

Impõe-se ao longe pela sua notável aspereza. Caminhos de monte, abertos de pouco tempo em terras barrentas, riscam em diferentes sentidos as ladeiras íngremes da montanha que se levanta como muralha gigantesca, por escalões sucessivos, a perder-se para o Norte na linha do horizonte por uma cumeada de pináculos rochosos e a pequena distância da raíña com a Galiza.

É a cordilheira que se destaca do Gerês para o Lindoso; impressionante pela sua tonalidade, de uma côr ressequida, de inverno pela queima dos nevões sobre a sua vegetação rara; de verão pela incisão forte dos raios do sol que a encontram exposta em estendal, assentou-lhe bem o nome de Serra Amarela.

No fundo do despehadeiro uma ponte de pedra, alta e elegante, de um só arco, de guardas baixas guarnecidas de cordões de arame para evitar as tentações de pessoas e animais que raramente por aí transitam; até os peixes nadam tranquilos nas águas límpidas do poço profundo que esta ponte cavalga. A montante e pouca distância, embora aqui se não aviste, assenta ao abrigo da mesma serra Vilarinho das Furnas, a mais dilatada povoação portuguesa nestes confins da raia seca com a terra galega.

Brufe reside quase nas alturas em seu extremo ocidental. A sua vista, a cimeira designada pelo «marco da Anta» que a coroa, extrema-a já das terras do concelho da Barca.

Tem esta serra légua e meia de comprimento e uma de largo. Principia no Couto de Loureiros na Galiza e vem até ao antigo fojo da Amarela. Estende seus braços — o dos Salgueiros para a Portela de Homem e daí para os lados da Ribeira de Soás; o do Boqueiró dos Fintos para Vilarinho das Furnas, no sentido sul; o do Couto de Mouro para estas bandas de Brufe, até ao lugar de Cutelo que é o mais alto da vizinha Sibões.

Correndo da mesma serra para o Norte, descem dela dois pequenos rios para o Lima: o Cabril que nasce na Portela dos Ruivos e o de Parada que começa nos montes da Friura. Correm outros tantos para o Sul, a fertilizar com suas levadas as veigas dos penhores abruptos para o Homem: o ribeiro de Brufe, que se precipita entre ribas frágias e entremeadas de vegetação, dividindo as terras dos dois únicos lugares que constituem a freguesia — Cortinhas e Brufe; outro que separa Cortinhas do lugar alto de Cutelo da freguesia de Sibões.

De ar e água, disse-me o mais categorizado habitante de Brufe, não há povo mais mimoso nem farto em Portugal, apesar de residirem a tão considerável altura.

Já não é pequeno privilégio de Deus e da Natureza, lhe respondi; como tal, o mais seguro e permanente.

Dos homens, acrescentou, uma única reclamação têm a fazer para que, satisfeita, se considerem felizes: querem uma estrada por Gondoriz, aonde já chegou um ramal da estrada de Vilar a Covide. Aqui atravessa outra ponte sobre o Homem, cujo pegão central, não de arco, mas horizontal, assenta sobre um rochedo alto a meio do rio. Com a referida ponte entre Carvalheira e Brufe, são as duas únicas ligações artificiais de que as populações destas três freguesias da margem direita do Homem dispõem para contacto com a sede do concelho.

A meio termo delas, entre os lugares de Ervedeiros de

(Continua no próximo número)

Noticiário de Terras de Bouro

Temos feito os maiores esforços para que o noticiário de Terras de Bouro seja suficiente e dê aos nossos leitores a satisfação que todos buscam ao lerem as coisas da sua terra.

Temos, porém, encontrado as maiores dificuldades por não encontrarmos ali quem esteja decidido a arcar com a função de correspondente assíduo.

Agora recebemos de Coimbra uma carta do sr. dr. Augusto Esteves de Aguiar em que ele se refere à falta de noticiário e nos pede providências para o facto.

Renovamos, aqui, publicamente, o pedido a quem quer que seja e se entenda capaz para aceitar esse cargo, especialmente ao Comandante do Posto local da G.N.R., nosso amigo e conterrâneo, pessoa com os predicados que procuramos.

Visitante ilustre

Encontra-se no Gerês, desde há dias, o sr. Brigadeiro Santos Costa, que veio fazer tratamento à famosa estância.

Fazemos votos para que leve a melhor recordação da nossa terra.

Médicos lêem na retina

Continuação da 2.ª página

Além disso a câmara mostra com clareza absoluta os efeitos de deficiências da composição do sangue. Os investigadores neste novo ramo da medicina já começaram a analisar o efeito de certos medicamentos e tratamentos sobre os vasos sanguíneos da retina.

Outra sensação tecnico-científica do congresso de Hamburgo foi um instrumento desenvolvido nos Estados Unidos para observar determinados processos e estados no interior do organismo. Trata-se, em essência, de um tubo de vidro flexível com um diâmetro de apenas 1,2 m. Este diâmetro reduzidíssimo e a flexibilidade do tubo permitem levar a lente a pontos até agora inacessíveis.

Os médicos finlandeses Dr. Pohto e Dr. Sohoinin apresentaram um filme das pulsações de uma veia do nervo de um dente. Os dois investigadores tentam descobrir a relação entre alterações deste sistema circulatório e as causas de dores de dentes. O Dr. Branemark, da Dinamarca, fez uma importante comunicação sobre investigações se-

Naquele tempo

havia só os Portugueses

(Continuação da 1.ª página)

so desapareceram ainda da culinária tailandesa alguns pratos de sabor português, de sabor pelo menos nominal.

Todos estes invisíveis e subtis laços que prendem entre si Portugal e a Tailândia foram, pois, agora reforçados, de parte a parte, com os requintes da melhor cortezia oriental e os esmeros da conhecida hospitalidade portuguesa. O Rei Bhumibol teve a amabilidade de declarar a sua visita integrada no ciclo das comemorações henriquinas, considerando a chegada ao seu país das primeiras naus portuguesas como sendo mais uma feliz consequência da obra do Príncipe de Sagres. Por seu turno, a Imprensa absteve-se, delicadamente, de aludir a tudo quanto pudesse ser menos agradável aos soberanos tailandeses: — foi esquecida certa página de Eça de Queirós em que o autor da «Ilustre Casa», com o seu incorrigível caricaturismo, pretende dar-nos uma síntese da história e da vida do Sião; foram esquecidas as trágicas condições a que o Rei Bhumibol deve o trono — e só é pena que também se houvesse esquecido, com a pressa, um facto relevante e grato nas relações entre os dois países: a visita que nos fez, no tempo d'El-Rei D. Carlos, o avô do

melhantes de alterações da estrutura de ossos. Noutras comunicações tratou-se de problemas do metabolismo, da formação de trombosos, assim como também dos vasos sanguíneos de ouvido. Quase todas as discussões giraram em torno da nova conclusão que a origem de muitas doenças não está na perturbação do grande sistema circulatório mas nas deficiências destes focos minúsculos.

A micro-circulação permitirá conhecer em cada vez maior escala as anomalias do metabolismo, este ponto de partida de muitas perturbações dos vasos sanguíneos e de todo o sistema circulatório. Desenvolveram-se também métodos de medir o pressão sanguínea nas veias e artérias mais finas. Os investigadores interessam-se, por exemplo, pelas diferenças de tensão entre estes vasos minúsculos e os vasos maiores.

A medicina descobriu assim um novo campo de investigação. O Congresso de Hamburgo foi uma demonstração impressionante dos progressos da investigação da micro-circulação que, como ciência, só existe desde 1954. Os seus resultados já são hoje de importância decisiva para toda a ciência médica.

actual monarca tailandês, o Rei Chulalongkorn, que foi por sinal, grande impulsor de progresso, o introdutor do Sião na comunidade internacional.

Para os lisboetas — e para as muitas dezenas de milhares de pessoas que na Provincia a Televisão chama todas as noites a participar na vida da capital — a visita do Rei Bhumibol e da Rainha Sirikit constituiu mais um sorridente e simpático convívio com os supremos representantes de nações que ficam «do outro lado do mundo», mas que séculos de navegações e de comércio tornaram próximas do nosso espírito, como velhas amigas de família. Tal como aconteceu com o Imperador da antiquíssima Etiópia ou com o Presidente da novíssima Indonésia, os Reis da Tailândia vieram a Portugal visitar, de facto, velhos amigos, amigos de família que tempos recuados foram amigos generosos, pródigoamente dispensadores de auxílio de toda a ordem. No caso da Tailândia, por exemplo, os portugueses não lhe ofertaram, apenas, os primeiros contactos com a civilização ocidental: por três vezes — em 1558, em 1656 e em 1784 — correram os portugueses em auxílio dos Reis do Sião, quando inimigos internos ou externos faziam perigar o trono de marfim do Elefante Branco. Eram outros tempos, sem dúvida. Hoje, como se está vendo, há fórmulas novas para tentar manter em paz e harmonia, no chamado concerto das nações, aqueles países cujo tipo ou estágio de cultura não são precisamente os mesmos do Ocidente. Esperemos que resultem. Naquele tempo, contudo, para defender o Sião das investidas dos birmanos, para libertar os indús da sujeição aos maometanos, para pelear em defesa da Rainha da Etiópia, para limpar de piratas os mares do Sueste asiático — havia, apenas, os portugueses. E a sua fórmula resultou, conforme agora o veio confirmar, com notável e cativante franqueza, o casal reinante da Tailândia.

Aviso aos Chauffeurs de Praça

José Fernandes, de Caldelas, pede que não prestem qualquer serviço a seus filhos, a crédito, por não se responsabilizar por dívidas contraídas pelos mesmos.

Visado pela Censura

AQUI BRASIL...

Glandestino de 13 anos tem curiosa história — Lavando pratos em troca de comida — Pisca-pisca dos anúncios fazia Manuel dormir no banco da Praça Paris

O menino de 13 anos, Manuel Joaquim Soares Fernandes, natural de Braga, Portugal, parou há dias na porta da firma Cândido Lopes & Cia., na rua da Carioca, 87, e resolveu entrar. Perguntaram-lhe o que queria. Ele queria apenas contar a sua história. De como viera para o Brasil, no navio estrangeiro «Corrientes» e o que poderia fazer para voltar.

Em poucos momentos, todas as pessoas da loja estavam a ouvir o Manuel. Este contou que estava no Brasil desde o dia 15 de Abril e que comia nos restaurantes, pedindo comida e oferecendo-se para lavar os pratos. Nos dias que não chovia acercava-se de um banco, geralmente na Praça Paris e dormia. «Eu gostava dali «disse» porque antes de adormecer ficava a olhar os anúncios que piscavam lá longe».

Ele de Braga. Um dia saiu em companhia dos pais para um passeio na cidade do Porto. Os meninos então resolveram visitar o navio argentino «Corrientes». Ficaram lá muito tempo. Ele lembra-se que o barco apitou várias vezes, mas estava tão distraído que nem sentiu que as horas iam passando.

Partiu

De repente percebeu que o barco estava em andamento. Pensou que era apenas uma manobra e não ligou. Horas depois porém, verificou que estava cada vez mais longe. Acercou-se de

uma senhora e perguntou-lhe para onde iam. «Para o Brasil», disse-lhe ela. O menino ficou lívido. Lera nos livros de escola que o Brasil ficava do outro lado do Atlântico. Olhou para a folhinha — domingo, dia 4 de Abril.

Comida

«A princípio pensei que os marinheiros se zangassem e me jogassem á água». Ele procurava ficar sempre com as outras crianças e comia junto com elas. Dormia ás vezes num escaler, quando a noite estava boa, ou em alguma cadeira em um salão, quando chovia. O capitão nunca desconfiou. Dia 15 de Abril chegou ao Brasil. Desceu calmamente as escadas e ninguém o molestou.

Em Casa

Depois de contar a história o sr. Gastão Ribeiro, um dos sócios da firma, levou-o para casa, na rua Oliveira Fausto, 8, em Botafogo. Lá o menino passou a noite, jantou e tomou banho. Manuel é inteligente, de olhos claros e ainda usa a calça com que saiu de Portugal. A camisa rasgou-se e deram-lhe outra.

Consulado

O sr. Gastão providenciou para que o menino fosse encaminhado ao Consulado de Portugal. Inicialmente porém, Manuel foi levado ao 9.º DP, onde o comissário depois de ouvi-lo providenciou a sua ida para o Consulado.

Em Viagem — De Visita — Outras Notícias

Rio de Janeiro 16 — Pelo paquete *Salta*, embarcou no passado dia 28 de Julho com destino á Feira-Nova, sua terra natal, a snra. D. Maria Pereira, esposa do snr. Anibal Fernandes, industrial nesta cidade, e que dentro em breve também seguirá com seu filho para se juntar á esposa em terras de Amores.

— Também se encontra na capital carioca desde o dia 30 de Julho, onde chegou por via aérea, procedente de Manaus, o nosso conterrâneo e amigo snr. Joaquim José de Azevedo Macedo, que aqui vem gozar um período de férias. Além de seu primo Armando de M. Martins, com quem reside durante a sua permanência no Rio, tem tido o ensejo de rever grande número de amigos da Feira Nova, e diversos outros da capital amazonense, onde o visitante exerce as suas actividades na conhecida firma J. A. Leite & Cia. e de cuja administração faz parte o ilustre bournense snr. Ermindo Fernandes Barbosa.

Inaugurada a Av. Infante D. Henrique

O Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira, inaugurou no passado dia 5 do corrente, a nova pista de alta velocidade que liga a avenida Rio Branco á Av. Oswaldo Cruz, numa extensão de três quilómetros sobre o terreno ganho ao mar, na baía da Guanabara. Foi uma festa de confraternização Luso-Brasileira a que compareceram representações das casas do Minho, dos Açores, das Beiras, dos Po-

Homenagem Póstuma

(Ao Abade de Carrazedo)

Da Terra se evolou aquele astro divino
Perene fonte de amor e luz celestial!...
Dorme na sepultura um santo peregrino,
Cuja alma ascendeu ao Reino Angelical!...

O estro emudeceu! Calou-se o cristalino
Veio da sua voz sublime, magistral!...
Mas com a sua verbe, um mavioso hino
Foi escrito em epopeia ardente e genial!...

Do nosso olhar fugiu aquela audaz figura
Dum egrégio Pastor, — Amigo laureado, —
Coração sempre aberto a toda a desventura!...

Descansa em paz, Amigo, e deixa-me a saudade
A roer este peito, em pranto macerado,
Até que um dia alcance a **Terra da Verdade!**...

Carrazedo, 31-8-960 Rodrigues Carrazedo

veiros do Porto e outras, com seus trajes típicos e ranchos folclóricos, e ainda a Banda Portugal.

A nova artéria, onde foi descerrada uma placa comemorativa pelo Presidente da República, liga assim o centro da cidade com a praia de Botafogo em cerca de cinco minutos, e é também uma significativa homenagem do Brasil ao Infante dos Descobrimientos.

Carro de Aluguer

Vende-se

Marca, Dodge, em bom estado, e com licença de aluguer em Caldelas.

Informar escrever para
Francisco Ernesto Machado
Idro Eléctrica do Douro
Bemposta Mogadouro

Visado pela C. de Censura

de D. Antónia Penedo Rodrigues.

16 — Ernesto Rebelo de Magalhães, casado com D. Maria dos Prazeres Gonçalves; e são seus filhos:

17 — D. Maria Leonor Gonçalves Rebelo de Magalhães, casada com Manuel da Costa Fernandes, com geração.

17 — D. Maria Aurora Gonçalves Rebelo de Magalhães

17 — António Maria Rebelo de Magalhães.

§ 3.º

15 — *Guilhermino Anes Pires*, meio irmão de D. Ana Anes Pires Rebelo Lobo, filho de António Anes Pires, tabelião de notas em Ponte de Lima; casou em Queluz de S. Paulo, em 1856, com D. Maria Francisca de Jesus Pires, e tiveram:

16 — Idílio Anes Pires, nasceu em S. Paulo, a 19-12-1861, e casou com D. Olívia Caldeira, c. geração.

16 — Alberto Anes Pires, nasceu na Capital Federal a 12-3-1872, e casou com D. Ana Ferreira Pires. Tiveram:

17 — Dr. Osvaldo Anes Pires, nasceu na Capital Federal, e casou com D. Otília Guimarães de Anes Pires, com geração.

18 — Osvaldo Anes Pires Junior, estudante de Direito na Capital Federal, a 2-10-1956.

16 — Anes Pires, casada com o capitão Pedro da Mota, com geração.

16 — D. Joana Anes Pires, casada com o Dr. Bento Ribeiro, advogado, e com geração.

16 — Bento Anes Pires, falecido.

16 — Jacinto Anes Pires, falecido.

§ 4.º

Castro de Carrazedo

por Domingos M. da Silva

de D. Ana Leonor Lopes, da casa de Berrance, a qual faleceu a 8 de Novembro de 1835, e está, sepultada junto do altar-mór de N. Senhora das Dores.

14 — José António Rebelo de Magalhães, nasceu

14 — António Manuel Rebelo de Magalhães, que segue

14 — D. Leonor Maria, nasceu a 27 de Novembro de 1822 e casou com o Dr. José de Freitas e Castro, da casa de Aguilhões, em Felgueiras.

14 — *António Maria Rebelo de Magalhães* que nasceu em Ribeiro a 2 de Maio de 1852, e casou com D. Deolinda Rosa Ferreira, da freguesia de Oliveira (Guimarães). Tiveram:

16 — António Rebelo de Magalhães

16 — D. Leonarda da Ascensão, viuva de Albano Antunes Moreira.

16 — D. Alzira Rebelo de Magalhães, viuva do Dr. Manuel Joaquim Antunes Moreira, e foram seus filhos:

17 — Fernando de Magalhães Antunes Moreira, casado com D. Maria da Piedade Ferrão.

17 — D. Maria Manuela de Magalhães Antunes Moreira.

17 — Dr. Manuel Joaquim de Magalhães Antunes Moreira, médico, casado com a Dr.ª D. Eda Maria Antunes Moreira.

16 — José Rebelo de Magalhães, coronel do Exército; casou nas Caldas da Rainha, com D. Maria da Nazaré Pina Rebelo de Magalhães e tiveram

17 — José Alberto Rebelo de Magalhães, casado com D. Maria Antonieta Banha da Silva, filha do Dr. Leonel Banha da Silva, Agente Geral do Ultramar e

(CONTINUA)